

Pedalando Sobre Dificuldades

Renan Cordeiro KIESKI¹

Ricardo MACEDO²

Universidade Positivo, Curitiba - PR.

RESUMO

Este paper descreve um trabalho realizado durante o ano de 2015 para a disciplina de Fotografia, sob a orientação professor Dr. Ricardo Macedo, na Universidade Positivo. O trabalho teve como objetivo, por meio da técnica fotográfica, representar um problema social: o preconceito contra pessoas com deficiência. Para isto, a partir de uma peça fotográfica, apresentou uma visão e uma representação distante dos estereótipos em que as pessoas com necessidades especiais vivem.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Cadeirante; Pessoas com Deficiências;

1 INTRODUÇÃO

A realização desse trabalho teve como objetivo inicial demonstrar e apresentar a superação das dificuldades da vida das pessoas com deficiência física. Optou-se por tocar o lado emotivo da população, pois essa é uma forma de comunicação que, de modo empático, estabelece uma relação afetiva entre o objeto fotografado e o receptor da mensagem.

A fotografia tema desse trabalho faz referência a uma criança cadeirante, utilizando uma bicicleta ergométrica, tentando pedalar no aparelho. O foco volta-se para a superação de limites, bem como demonstrar a capacidade dessa criança, que vai além da cadeira de rodas.

¹ Aluno e estudante do 2º. ano do Curso de Comunicação Social Publicidade e Propaganda, e-mail: renan_kieski@hotmail.com

² Professor orientador do trabalho. Prof. Dr. Ricardo Macedo da disciplina de fotografia da Escola de Comunicação e Negócios da Universidade Positivo, e-mail: ricardo.positivo@gmail.com.

Essa imagem foi realizada para a disciplina de Fotografia, com intuito de mostrar que as pessoas com deficiência física apresentam potencial em seu ciclo social, seja dentro de uma escola, no ambiente de trabalho, ou em casa.

Sabe-se que onde não há conhecimento, há preconceito, e a sociedade trata essas deficiências com exclusão, talvez por receio do diferente, pela falta de conhecimento e incompreensão da situação. A fotografia, deste modo, ao expor uma imagem que, em geral, não pertence ao imaginário social, rompe com o desconhecimento e formas de preconceito.

Há uma série de questões que são alvos do preconceito, entre elas estão a cor, sexualidade, ou as deficiências. Veiga (2006) relata que o preconceito com as pessoas especiais é algo que vem de muito tempo atrás. Segundo Veiga (2006), na Grécia Antiga, a deficiência física era vista como um atraso para o desenvolvimento biológico. Na Antiga Roma, não era muito diferente da Grécia Antiga, sendo as crianças deficientes consideradas não experientes o bastante para as lutas. Na Idade Média, a deficiência era vista até como uma provocação ou um castigo de Deus.

De acordo com Ross (2003), Sasaki (2003) e Veiga (2006), a ciência entrou na história e passou a dar explicações científicas para essas deficiências, e criou novos paradigmas na sociedade. As pessoas especiais passaram a serem vistas como doentes, diferente do esperado, e por isso, excluídas do grupo.

Sasaki (2003) defende que a sociedade deve aprender a conviver com pessoas especiais, e começar o processo de inclusão desta minoria. Sendo assim, não é mais a pessoa que tem uma deficiência, mas sim, a sociedade, por não conseguir ser homogênea a ponto de conseguir incluir todos os tipos de pessoas dentro de si, inclusive, os deficientes.

Veiga (2006) afirma que, embora vivamos em um mundo atualizado, em que promete-se uma sociedade bem dividida e homogênea, os deficientes continuam vivendo em exclusão, com falta de recursos necessários, batalhando pelos seus lugares de direito. Relata Veiga ainda que o grande problema não é a deficiência da pessoa em si, mas sim a maneira que é vista pela sociedade, como incapazes, impossibilitados. Brincadeiras maldosas como “pau que nasce torto”, ou “em terra de cego, quem tem um olho é rei”, corroboram para o preconceito contra as pessoas especiais.

Aranha (2001) afirma que, por mais que a palavra inclusão já esteja em nossas conversas cotidianas, ainda não foi aplicado na prática, mantendo a exclusão com as pessoas especiais.

Realmente, as pessoas com deficiências estão em todos os lugares, contudo não há estrutura para atendê-las. Na escola, por exemplo, não existem ferramentas e profissionais adequados para o atendimento, e no ambiente laboral são vistas como incapazes e ou desqualificadas.

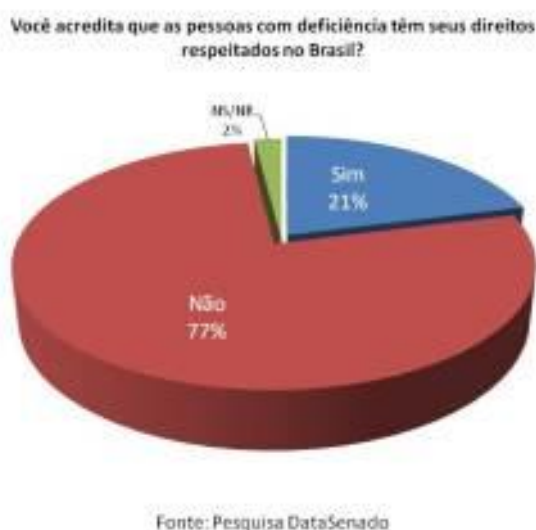


Gráfico 1: “Condições de vida das pessoas com deficiência no Brasil”, feita pelo DataSenado.³

A pesquisa “Condições de vida das pessoas com deficiência no Brasil”, realizada pelo DataSenado, em 2010, abrangeu 10.273 pessoas com deficiência em todas as regiões do Brasil, sendo 170 visuais, 759 deficientes físicos, e 236 auditivos.

Os próprios deficientes dizem que não acreditam que possuam os seus direitos no Brasil, sendo a grande maioria 77%, de acordo com o IBDD (Instituto Brasileiro dos Direitos da Pessoa com Deficiência), em 2010.

³ Gráfico 1: Pesquisa disponível em: www.ibdd.org.br Acesso em: 10/04/2016.

A população tem grande preconceito e se fecha em alguns paradigmas quanto as pessoas deficientes. Muitas perguntas são clichês, conforme o site Deficiente Online (2015).

<p>CHEGAM AO TRABALHO ATRASADAS, COM FREQUÊNCIA?</p> <p>A falta de transporte público suficiente e adequado tem contribuído para que qualquer trabalhador chegue ao trabalho atrasado e cansado. No caso da pessoa com deficiência, especialmente a com deficiência física, isto pode se agravar, já que nem todos os municípios possuem veículos adaptados, nas empresas que servem os cidadãos. Assim, estes aspectos devem ser analisados, ao se empregar qualquer pessoa.</p> <p>SÃO FEIAS E SUJAS?</p>
<p>Quando se fala sobre pessoas com deficiência, a maioria das pessoas as associa com pessoas "sujas e pedintes". Isto tem uma explicação muito clara! Por centenas de anos, as pessoas com deficiência foram mantidas fechadas em seus lares, segregadas em instituições, ou esmolando nas ruas, condições determinadas pela prática social da exclusão dessa população. Poucas eram as oportunidades das pessoas se depararem com pessoas com deficiência bem sucedidas, "limpas e cheirosas". Este quadro está em franca mudança. É interessante observar que, ao encaminhar um trabalhador com deficiência a uma empresa, é comum nos depararmos com o espanto dos empregadores com comentários do tipo "Puxa, como ela é bonita!", "Como ele se veste bem e é cheiroso!".</p>
<p>SÃO INFERIORES. TEM NÍVEL INTELECTUAL INFERIOR?</p> <p>O primeiro contato com o profissional que possui algum tipo de deficiência é o de dúvida. Será que ele consegue trabalhar? Na maioria das vezes, isto se dá porque, por falta de informação, as pessoas costumam pensar que a presença de uma deficiência qualquer, vem sempre acompanhada de comprometimento mental. Isto não é verdadeiro. Há pessoas com deficiência mental, e há pessoas com outros tipos de deficiência. Para todos, há que se analisar o tipo de suporte que favorecerá seu desempenho ocupacional, inclusive para aqueles que têm deficiência mental. Há ainda que se lembrar que a deficiência mental não é um quadro único e igual para todos. O nível do comprometimento mental varia de pessoa a pessoa.</p>
<p>SÃO MAIS LENTAS?</p> <p>Para qualquer trabalhador, a lentidão será um obstáculo à produtividade, se ele for colocado em uma função ocupacional que dele exija rapidez. Se, por outro lado, ele for colocado em uma função na qual "a rapidez é a inimiga da perfeição", a lentidão deixa de ser um problema e passa a ser uma qualidade.</p> <p>Nos casos de paralisia cerebral, por exemplo, a lentidão poderá ser compensada através de mecanismos de adaptação, como no caso de se utilizar à informática.</p>

Quadro 1: Resumo "Condições de vida das pessoas com deficiência no Brasil", 2010.

Garcia (2015), apresenta o quanto nossa sociedade trata tudo o que é novo ou diferente com desprezo, e assim surge o preconceito. Entendemos que existem leis e livre arbítrio, mas isso não está sendo seguido corretamente. Garcia afirma que ainda temos muita coisa para aprender com as diferenças sociais e intelectuais, e estas diferenças, mais do que aceitas, precisam ser respeitadas.

Nunes *et al* (2012) afirma que, no Brasil 23,9% da população tem alguma deficiência especial, sendo problemas visuais a mais comum entre eles. Deste número 7% têm alguma deficiência motora, muitas vezes sendo impedido de andar, ou tocar algum instrumento que gosta, conforme Estadão (2012).

Um deficiente motor que necessita de cadeira de rodas, por vezes não pode realizar as tarefas que pessoas comuns realizam e por esse motivo, sofrem preconceito e são taxadas como incapazes, mas a grande questão é que faltam recursos para a mobilidade dessa pessoa.

Garcia (2015) relata que a sociedade trata o que diferente com desprezo, e todos acham que as pessoas deficientes são diferentes. É necessário mudar essa visão obsoleta, os cadeirantes podem dirigir, ter relações afetivas, pintar, cantar, e até dançar. Existem clubes de danças que integram esses deficientes, como é o caso do Clube Escola Ibirapuera, em São Paulo. O que realmente falta para um cadeirante, e todas as pessoas com algum tipo de deficiência, é a oportunidade. A oportunidade de um bom emprego, da socialização, de poder mostrar seu grande potencial.

2 OBJETIVO

O objetivo da fotografia trabalhada era o de trazer consciência para as necessidades especiais e quebrar certos rótulos e estereótipos que costumam envolver o tema. Ao se deparar com uma foto dessas, o receptor pode ver tanto algo triste, quanto uma história de superação, surpresa e força.

3 JUSTIFICATIVA

O intuito deste trabalho é quebrar os paradigmas estereotipados da sociedade, assim como, por meio da fotografia e da comunicação, passar a incluir as pessoas com deficiência no cotidiano social. Há um grande potencial para ser mostrado ao mundo e a única coisa que lhes falta é a tolerância e a inclusão: “a verdadeira deficiência é aquela que prende o ser humano por dentro e não por fora, pois até os incapacitados de andar podem ser livres para voar”. (MORAES, 2015 p.01)

Para Cazzaniga (2000), “na área de atendimento e serviços à população, a resposta mais frequente é a "NTV": "não temos vaga".

Outros problemas citados pela autora incluem os estabelecimentos de saúde, pois os mesmos não tem estrutura adequada.

Cazzaniga (2000) também cita alguns métodos para resolver o problema da exclusão das pessoas especiais na sociedade, e a maioria delas é redirecionada para o governo: “adotem o princípio de educação inclusiva em forma de lei ou de política, matriculando todas as crianças em escolas regulares, a menos que existam fortes razões para agir de outra forma”

Cazzaniga (2000) também se dirige aos pais dessas crianças com deficiência, encoraja os mesmos a independência dos filhos, como por exemplo, realizar um intercâmbio por países com políticas inclusivas, para que tenham experiências positivas na escolarização e futuramente no ambiente laboral.

A autora ainda relata que deve haver uma inclusão dessas pessoas nos planos sociais, que é necessário conviver com isso, sair da teoria e colocar em prática, afinal é algo que já deveria estar presente cotidianamente.

Algumas reações são esperadas, quando as pessoas veem a fotografia, entre elas estão a tristeza e a compaixão, mas isso serviu pra mostrar que a sociedade ainda tem uma visão errônea das pessoas com deficiência. É necessário ver o esforço e se alegrar pois a protagonista da foto está vencendo barreiras e superando seus limites. O intuito principal foi remover a imagem de fraqueza, de incapacidade e principalmente de que os deficientes precisam de compaixão. Eles necessitam de inclusão, de respeito, e empatia. A imagem final que se quer deixar é essa, de superação e alegria, pois não se pode afirmar que a menina da foto está triste, seu rosto não é mostrado. Afinal, superar limites coloca sorriso no rosto das pessoas, independente se elas utilizam as pernas ou cadeiras. Todos são iguais no tocante à superação.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para começar o projeto, foi pensado o que deveria ser olhado. Conforme Tiburi (2005), “olhado”, e não “visto”. Ver todo mundo vê, agora olhar requer todo um trabalho e um pensamento sobre determinada coisa, afim de não apenas ver algo comum, mas ver além disso, todas suas características, entender e sentir o significado de determinada coisa em questão. Você “vê” uma pessoa. Agora você “olha” uma pessoa carismática, engraçada, e conhece todas as suas qualidades:

Ver é reto, olhar é sinuoso. Ver é sintético, olhar é analítico. Ver é imediato, olhar é mediado. A imediaticidade do ver torna-o um evento objetivo. Vê-se um fantasma, mas não se olha um fantasma. Vemos televisão, enquanto olhamos uma paisagem, uma pintura. (TIBURI, 2005).

Para iniciar algum processo de solidariedade na sociedade, é também preciso questionar o preconceito. As pessoas precisam “olhar” a igualdade, independente de aparências físicas e rótulos impostos. Para Tiburi (2005), o mundo é composto de cores, porém quando se incluem os estereótipos, rótulos e rotinas, essas cores se transformam em cinza - tentar colocar todos dentro do padrão é exaustivo e impossível. O diferente é bom e deve ser visto dessa forma.

Um grande preconceito identificado foram as maneiras que pessoas com deficiências físicas são vistas pelo resto da sociedade. Deste ponto, surgiu a ideia de mostrar as dificuldades na vida de pessoas com esses problemas especiais. A ideia de colocar a modelo virada para a janela, vendo mundo afora, foi com o intuito de ilustrar as vontades dela sair, andar, correr, coisas que ela pode apenas observar. A luz do sol pode representar a esperança, não necessariamente de algum dia poder andar, mas sim de ser aceita, ter relações afetivas, mesmo com a sua deficiência. Mas o curioso da foto é que não é possível determinar a expressão da modelo.

A foto foi finalizada em preto e branco, pois causa um efeito impactante, assim como mostra a rotina das demais pessoas, cinzas, sem vida, exaustivas, como máquinas de trabalhar.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO E PROCESSO

A fotografia foi tirada na academia do Edifício Grand Palace, Curitiba, em uma tarde de sábado. A primeira ideia era colocar a modelo com sua cadeira de rodas em cima da esteira da academia, mas o olhar fotográfico não estava encaixando, faltava algo a mais. Tentamos fazer a modelo sentada na esteira, deitada, caída, tentamos em todas as poses, mas nada estava encaixando. Ficamos a tarde toda pensando no que fazer, mas nenhuma ideia vinha na cabeça. Voltamos para a academia do Edifício Grand Palace no dia seguinte,

domingo, na mesma hora. Decidimos desistir da esteira. Passamos a tentar no elíptico, uma ferramenta de exercícios aeróbicos, mas as fotos ficaram ainda mais estranhas. No cantinho da academia, notei um equipamento bem antigo, caindo aos pedaços, praticamente. Era uma bicicleta de ergométrica. Puxamos a bicicleta para o centro da academia, afastamos os outros equipamentos e um sol forte começou a entrar pela janela no momento em que tivemos a ideia. A fotografia ficou com um efeito muito interessante por conta da luz do sol que tomou conta do local.

Para a fotografia, foi utilizada uma câmera profissional Canon T3i, com uma lente normal de 18-55mm. Quanto a iluminação optou-se pela luz natural, apenas com o sol. Foram tiradas 58 fotos, sendo apenas uma escolhida.

6 CONSIDERAÇÕES

A partir do trabalho apresentado, foi possível entender o quão importante é quebrar os paradigmas da sociedade e erradicar a exclusão das pessoas com deficiências especiais. Para isso, é preciso aprender a conviver com o que é diferente de nós, ao invés de olhar com indiferença para o indivíduo que carrega a deficiência.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. S. F. **Paradigmas da relação da sociedade com as pessoas com deficiência.** Revista do Ministério Público do Trabalho, v. 11, n. 21, p. 160-173, 2001.

CAZZANIGA, Maria (2000). **Portadores de Deficiência: A questão da inclusão social.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200008 Acesso em: 10/04/2016.

GARCIA, Cleyton (2005): **O Preconceito e a Intolerância no Brasil.** Disponível em: <http://www.jundiaionline.com.br/colunistas/o-preconceito-e-a-intolerancia-no-brasil-66> Acesso em: 11/04/2016.

LOPES, Áurea (2009). **Inclusão de pessoas especiais: falta universalizar.** Disponível em: www.revista.aredo.inf.br Acesso em: 09/04/2016.

MIRANDA, Camille (2015): **Preconceito com Deficientes.** Disponível em: <https://prezi.com/lp8cuuupikkn/a-verdadeira-deficiencia-e-aquela-que-prende-o-ser-humano-po/> Acesso em: 11/04/2016.

MORAES, Thaís (2015). Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTk2NTQz/> Acesso em: 10/04/2016.

NUNES, Luciana (2012). **Brasil tem 45,6 milhões de deficientes:** <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-tem-45-6-milhoes-de-deficientes,893424> Acesso em: 11/04/2016.

ROSS, P. Educação e trabalho: a conquista da diversidade ante as políticas neoliberais. In: BIANCHETTI, L.; FREIRE, I. M. (Orgs.). **Um olhar sobre a diferença:** interação, trabalho e cidadania. 5. ed. Campinas: Papirus, 2003, pp. 53-110.

SASSAKI, R. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

TIBURI, Márcia (2005). **VER E OLHAR: Existe Diferença?** Disponível em: www.sabercoletivopedagogia.blogspot.com.br Acesso em: 09/04/2016.

VEIGA, C. **As regras e as práticas: factores organizacionais e (...) reabilitação profissional das pessoas com deficiência.** Lisboa Cadernos SNR, n. 20, 2006. Disponível em <http://www.inr.pt/content/1/111/cadernos-snr/>

VIANA, Luciana *et al.*: **Preconceito Contra Pessoas com Deficiência Física:** Uma Análise das Concepções e Práticas que Permeiam o Ambiente Organizacional na Visão dos Profissionais de Recursos Humanos, 2008. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/GPR-A2775.pdf>

Esclarecendo Mitos: o que as pessoas imaginam sobre pessoas com deficiências: http://www.deficienteonline.com.br/mitos_imaginam.php Acesso em: 11/04/2016.